

O CRUZEIRO



chico + elis
+ vandrê =
água na fervura
do iê-iê-iê

LUTA RACIAL NOS ESTADOS UNIDOS



EXCLUSIVO
CONFISSÕES DE
UM HOMEM
PAGO PARA
MATAR

frente diz chega! e sente



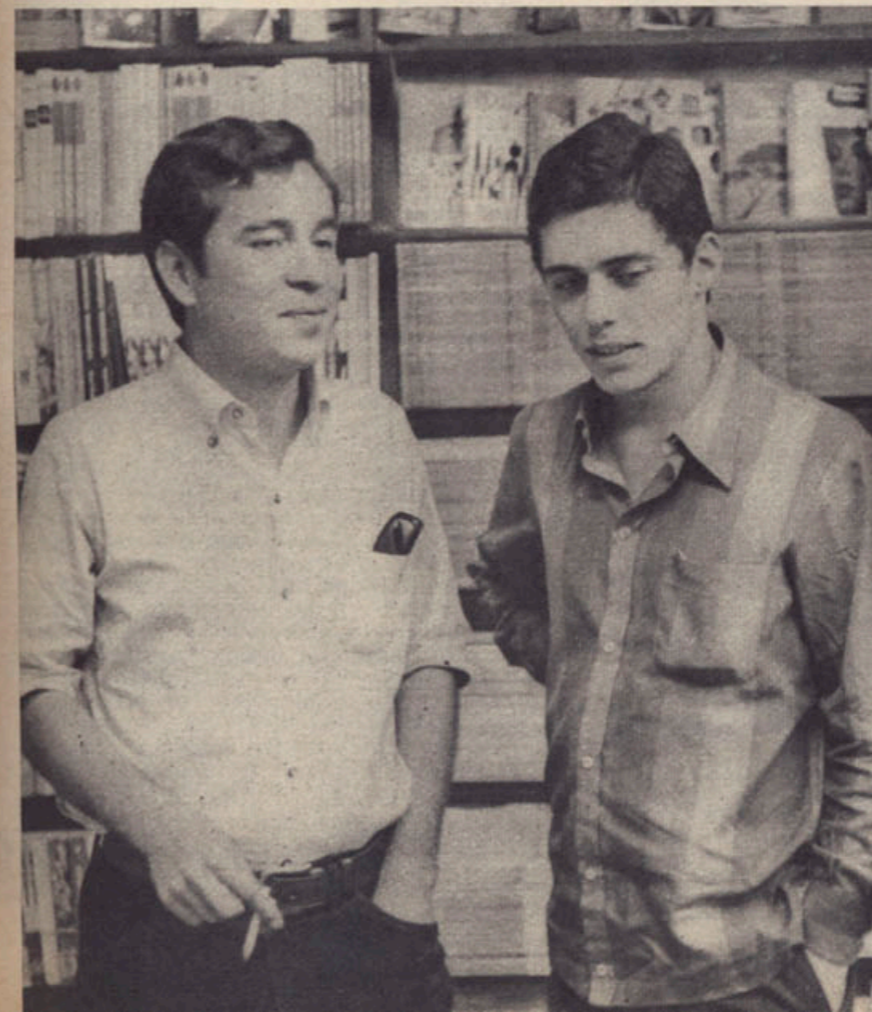
Iê-iê-iê? Ma che! Eles agora é que estão apelando, partindo para a briga. Para nós não interessa atirar pedra em árvore sem fruto.

declínio do iê-iê-iê

quem te
viu,
quem te
vê...

Texto de MARCO ANTÔNIO MONTANDON
Fotos de MANOEL MOTTA, MAKIKO KISHI e
DIRCEU LEME
(Da Sucursal de O CRUZEIRO em São Paulo)

Vandrê e Chico. Para este iê-iê, "sei lá", parece que é inglês.



— Sabe, se o Vinícius, o Tom ou o Carlinhos saíssem com declarações dizendo que a Ellis Regina é uma desafinada ou um "mau caráter", aí sim, iria me preocupar, iria sofrer. E como! Porque as críticas partiriam de um de Moraes, de um Jobim, de um Lyra. Mas... ah, deixa isso pra lá!

Ora sentada na poltrona, ora no tapete da pequena sala de seu apartamento, a "Pimentinha" linha de frente da música popular brasileira fala, diz de seus sonhos e de seus planos, borda um tapete gaúcho, defende-se. Ao lado, o noivo Ronaldo Boscoli.

— Iê-iê-iê? Não, não convém atirar pedras em árvores que já não dão frutos. Depois, é coisa de seis meses, um ano no máximo. Então, será chegada a hora e vez da verdade. Falarei, farei minhas declarações. Mas, hoje, nossa primeira preocupação é a "Frente Única do Samba". Frente do samba, não de guerra. Odeio guerras ou provocações, por mais quentes ou fervendo que estejam os guerreiros. E para que se desgastar com quem não possibilita o diálogo, se nossas fôrças são poucas para o que estamos empreendendo? Muito mais importante para nós, no momento, é reconquistar, trazer de volta a seu verdadeiro lugar a música popular brasileira. E a partida foi dada. Hoje o samba saiu, pra valer. Esta, sim, é a nossa guerra.

era uma vez uma guerra. Uma guerra para conquistar um lugar, dominar uma situação. Dela muito se falou, de suas conseqüências, das possibilidades de vitória de cada uma das partes. De acordo com os correspondentes desta guerra, tudo começou na noite em que um general, chamado Ellis Regina, declarou numa entrevista pela TV: "Quem não estiver conosco, está contra nós. E os que estão do lado de lá que se cuidem".

Os que se achavam do lado de lá — soldados que se notabilizaram pela sua excêntrica maneira de ser, vestir-se e cantar — sentiram logo a direta, mas se mancaram. Acontecia que o seu comandante, chamado Roberto Carlos, estava visitando outras terras, e somente a ele competia dar resposta à altura. E quando ele regressou, concedeu uma porção de entrevistas, onde afirmava: "Pra mim, esta guerra é *papofurado*".

Vieram, então, ataques e contra-ataques. E uma guerra que começou quente, tornou-se fria. Foi aí que apareceu um coronel, chamado Wilson Sandoli, do exército da Ordem, e quase sem nenhum soldado iê-iêano esperar, desferiu-lhes uma derrota sem precedentes. A nota expedida pelo Estado-Maior do iê-iê-iê acusou os comandados do general Ellis Regina de manobramentos aquêles coronel, tática de guerra que consideraram *suja*. Já que o negócio estava partindo de novo para a violência, trataram de conquistar um poderoso aliado, e o foram encontrar na pessoa de um marechal, chamado Gama e Silva. Baseados nas promessas desse marechal — que inclusive tinha dois filhos militando em suas fileiras — eles sentiram-se fortes, reagruparam suas forças e lançaram o desafio: "Agora, podem vir quentes que nós estamos fervendo!".

Uma frente diferente

Estratégia ou não, questão de reconquistar um público jovem ou não — ignorando um desafio, briga ou guerra que poderiam ser-lhes prejudiciais —, a verdade é que o pessoal da *Frente Única do Samba* resolveu mudar de tática na sua *pinimba* contra o pessoal do iê-iê-iê. Três decisões foram tomadas: 1.^a) partir para uma ação coletiva, não mais *individualista*; 2.^a) ignorar provocações, venham de onde vierem; 3.^a) reconquistar ex-simpatizantes, principalmente na área estudantil.

Assim foi deliberado, assim está sendo feito, assim vai ser. Já nos *shows* do Teatro Record-Centro (Paramount) — Noite da Música Popular Brasileira —, quem é estudante paga somente 200 cruzeiros velhos de entrada, e o resultado não se fez esperar: teatro superlotado às segundas-feiras, de 15% para 33,3% o índice de audiência garantido pelo IBOPE.

Para o pessoal da *Frente Única*, é tanta a preocupação em reconquistar a área estudantil — a responsável pelo sucesso das grandes noites de bossa de alguns anos passados, no mesmo Paramount — que Ellis Regina voltará agora a seus *shows* universitários, cantando duas vezes por mês, de graça, nos centros acadêmicos da capital paulista.

— Naquela entrevista na TV, quis dizer uma coisa, entenderam outra, aí criou-se o clima de guerra. Lembro-me bem do que disse, a frase está até gravada: "Quem não estiver conosco, que se cuide". Naturalmente, eu falei daqueles que fazem e cantam músicas brasileiras. Não foi dirigida a eles. E disse mais: "Quem for brasileiro que me siga". Isto: o compositor, o cantor brasileiro — a fim de reconquistar nosso lugar no cenário musical — terá de fazer o que vou fazer: dar *shows* e cantar mesmo de graça para os estudantes, procurar trazê-los novamente ao nosso meio, pois eles são a força.

Mas, porém, aliás, muito pelo contrário

É a nova política, a da diplomacia. Quem disse que um *frente única* faça a mais leve e inocente crítica ao pessoal do iê-iê-iê? Nunquinhas, jamais. A ordem — não escrita, mas seguida — é esta: não criar polêmicas,

cas, não aceitar provocações. Eles falam assim:

Ellis Regina: "Eu não falei em guerra. Odeio guerras. Pretendemos apenas a unificação da música. Da música popular brasileira".

Chico Buarque: "Se existe guerra, ela é artificial. Eu, pelo menos, nunca declarei guerra a ninguém. Sou pelo samba, tenho muito o que fazer, sou de paz, não sou de briga. Não gosto de iê-iê-iê porque não gosto. Iê-iê-iê, sei lá, parece que é inglês".

Caetano Veloso: "Pessoalmente, não estou em guerra contra ninguém. Gosto até do iê-iê-iê, com sinceridade, gosto do Roberto Carlos, daquela sua música sobre o carango. Acontece que por amor estou ligado à música popular tradicional. Verdade, gosto mesmo do iê-iê-iê, e se guerra houver talvez venha a ser a causada por esta minha confissão".

Gilberto Gil: "Está havendo é muito sensacionalismo em torno de coisas tão simples que são levadas ao povo. Devemos lutar é pela valorização da música brasileira".

Hora de lutar para Vandrê

— Está se falando muito de *frente única*. Não recebi nenhuma proposta objetiva para integrá-la. Existe um programa de TV em São Paulo, de sucesso, com este nome. Mas não se deve confundir o nome de um programa com um movimento que, a meu ver, não existe porque não foi proposto.

— No que diz respeito ao meu trabalho, estou disposto a participar de qualquer *frente única* contra qualquer forma de alienação cultural, mais precisamente no terreno da canção popular. Contra qualquer tipo de canção que não tenha as características mínimas necessárias para que possa ser considerada *música popular brasileira*.

— Para mim, música popular brasileira é aquela que seja representativa da expressão da realidade nacional. E uma música é a expressão da realidade nacional quando preenche elementos mínimos, estes elementos: História, Economia, Política e Problemas Sociais. Se uma canção não é feita partindo de uma visão global desses quatro elementos, não pode ser considerada música popular brasileira. E se não é, qualquer ocupação no mercado nacional desse tipo de canção é prejudicial, pois ocupa o lugar que deveria ser da canção popular brasileira. Não se quer dizer com isto que se deixe de admirar ou se isole do mercado as boas canções internacionais.

— Se hoje a visão da realidade nacional envolve posições políticas, não encontro razão pela qual ela seja impugnada na música. Muito pelo contrário, todo exercício de atividade humana cria fatos políticos, econômicos, sociais e culturais. Assim deve ser na canção. Porque canção é feita para dizer coisas, anseios e perspectivas.

— *Sol-Sul-Mar* é muito bonitinho, mas se na realidade brasileira a fome, a miséria e o analfabetismo são dados de importância fundamental, eles não podem ser esquecidos, como não esqueço em minhas canções.

— Quando os Beatles falaram da maconha, apregoando a sua liberação, todo mundo discutiu o assunto e ninguém cuidou de dizer: "Arte não tem nada a ver com maconha". É de se perguntar então por que quando um artista brasileiro levanta em sua música, ou fora dela, a discussão de problemas nacionais como a fome, a miséria e o subdesenvolvimento, logo se diz: "Música não tem nada a ver com política".

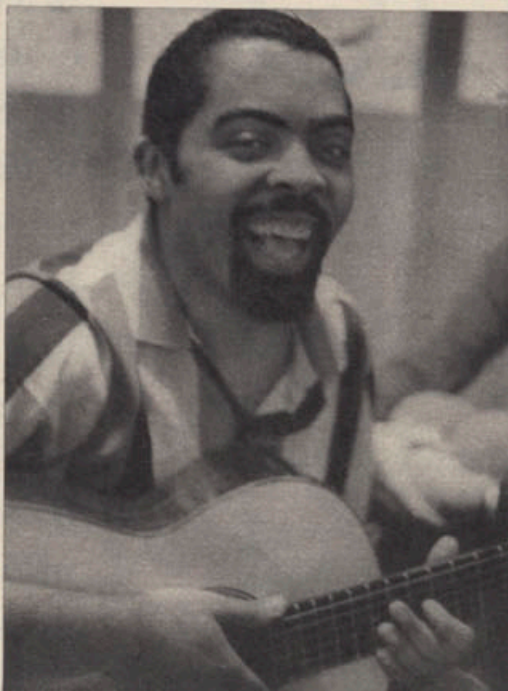
— Minha linha de conduta foi esta, é esta, será esta. Acredito no meu trabalho, na música popular brasileira, como acreditam o Airton, o Théo, o Hermeto, o Heraldo, o Hilton, o Marconi e o Bering, essa gente boa do *Quarteto Novo* e do *Trio Maratá*. E muitos outros mais que também acreditam.

O brado de "quem não estiver conosco, está contra nós", de Ellis, foi a declaração de guerra contra o iê-iê-iê. A cantora, hoje, está na base do "deixa pra lá".

O CRUZEIRO, 12-8-1967



Caetano Veloso não quer briga. Gosta de iê-iê e do carango do Roberto Carlos.



A luta de Gilberto Gil é pela crescente valorização da música popular brasileira.



Ellis é pela Frente Única. Vandrê não conhece os detalhes do novo movimento.

